



LIÇÃO 02

11 de Outubro de 2026
4º TRIMESTRE 2026
ADULTOS

Recapitulando a Jornada no Deserto

Esboço Da Lição 02

Do 4º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

O DEUS DA ALIANÇA
Advertência, promessas e bênçãos no livro de Deuteronômio

Domingo, 11 de outubro 2026

RECAPITULANDO A JORNADA NO DESERTO

Pb. Murilo Alencar ¹

INTRODUÇÃO

Na lição anterior, vimos que o livro Deuteronômio reúne as últimas instruções de Moisés para a geração que estava prestes a entrar na Terra Prometida. Agora, acompanharemos a primeira parte da retrospectiva histórica feita pelo legislador de Israel. Ao recordar os acontecimentos desde Horebe até a fronteira de Cades-Barneia, Moisés relembra como Deus multiplicou o povo, estabeleceu uma estrutura de liderança e conduziu Israel até Canaã. Quando chegou o momento de entrar na terra, porém, a geração que saíra do Egito recusou-se a confiar no Senhor e se rebelou contra sua ordem. Nesta lição, estudaremos a organização da liderança, as razões da desobediência em Cades-Barneia e as consequências daquela decisão, buscando entender por que um povo que havia presenciado tantas demonstrações da fidelidade de Deus ainda se deixou dominar pelo medo e pela incredulidade. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

O SENHOR, o seu Deus, que está indo à frente de vocês, lutará por vocês, diante de seus próprios olhos, como fez no Egito. (Dt 1.30, NVI).

Pois o SENHOR, nosso Deus, vai adiante de nós e ele combaterá por nós. Ele fará a mesma coisa que vocês o viram fazer em nosso favor no Egito. (Dt 1.30, NTLH).

Moisés pronunciou essas palavras nas planícies de Moabe, diante da geração que estava prestes a entrar na Terra Prometida. Seus pais haviam chegado à fronteira de Canaã muitos anos antes, em Cades-Barneia, mas recuaram por medo e incredulidade. Agora, os filhos daquela geração estavam novamente diante da terra prometida e precisavam aprender com o fracasso de seus antepassados. Ao recordar aquele episódio, Moisés relembra a promessa feita naquele momento: o Senhor iria adiante de Israel e pelejaria por seu povo.

- O Senhor iria adiante deles. Israel não entraria em Canaã sem direção. O próprio Deus já havia conduzido o povo pelo deserto, mostrando o caminho e indicando onde deveria acampar (Dt 1.33). A geração anterior tinha razões suficientes para confiar naquele que a havia conduzido até ali.
- O Senhor pelejaria por seu povo. A expressão remetia diretamente ao Êxodo. Diante do exército egípcio, Israel já havia visto o Senhor lutar em seu favor (Êx 14.14,25). Moisés, portanto, apelava para aquilo que Deus já havia feito: o mesmo Senhor que vencera os egípcios era poderoso para conduzir Israel na conquista da terra.

¹ Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco.

A geração que morreu no deserto não fracassou por falta de provas da fidelidade de Deus, mas porque permitiu que o medo falasse mais alto do que a confiança no Senhor.

VERDADE PRÁTICA

Confiar em Deus conduz à vitória; já a incredulidade leva à derrota e ao fracasso espiritual.

Antes de tratarmos das consequências apresentadas na Verdade Prática, precisamos compreender o que significa confiar. Em Deuteronômio 1.32, Moisés emprega o verbo hebraico *’āman* (אָמַן), com o sentido de crer, confiar, considerar alguém digno de crédito. Da mesma raiz hebraica vem a palavra “amém”. Confiar em Deus, portanto, significa dar crédito à sua Palavra.

- Israel tinha motivos para confiar. O povo havia visto o mar se abrir, recebido alimento no deserto e experimentado diariamente a direção de Deus. Moisés lembra ainda que o Senhor os carregou **“como um homem carrega o seu filho”** (Dt 1.31). A incredulidade em Cades foi grave porque Israel desconfiou justamente daquele que o havia libertado, conduzido e sustentado em todas as coisas.
- A vitória de Israel e a conquista da terra estava ligada ao que Deus havia prometido e ordenado. Ela seria consequência da fidelidade de Deus e da obediência do povo ao que ele havia determinado. Israel deveria entrar em Canaã conforme a direção do Senhor, e não agir por iniciativa própria. Quando, então, o povo se recusou a avançar em direção a Terra Prometida, demonstrou incredulidade; quando tentou subir depois da proibição divina, agiu em desobediência e acabou derrotado (Dt 1.41-44). Confiar em Deus, portanto, significa crer em sua promessa e agir conforme sua Palavra.



1. O VALOR DA LIDERANÇA COMPARTILHADA

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

1.1 A necessidade de liderança.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A Bíblia evidencia que o crescimento do povo de Deus exige liderança estruturada e compartilhada. Em Deuteronômio 1.9-12, ainda dentro do primeiro discurso de Moisés, vê-se que o legislador de Israel reconhece que não poderia conduzir sozinho uma multidão que crescia conforme a promessa feita a Abraão (Gn 15.5). Com o aumento do povo, surgem também demandas, conflitos e responsabilidades.*

Moisés inicia o que podemos considerar seu primeiro discurso exortativo para a nova geração de israelitas. Ao iniciar essa recapitulação, ele recorda, em Deuteronômio 1.6-8, a ordem de Deus para que o povo deixasse o monte Horebe e marchasse em direção à Terra Prometida. Em seguida, chegamos ao texto bíblico que pretendemos expor neste subponto:

⁹— Nesse mesmo tempo, eu disse a vocês: “Sozinho não poderei levá-los. ¹⁰**O Senhor, o Deus de vocês, fez com que vocês se multiplicassem** e eis que hoje vocês são uma multidão como as estrelas dos céus. ¹¹**O Senhor, Deus dos pais de vocês, faça com que vocês sejam mil vezes mais numerosos do que são agora e os abençoe, como prometeu.** ¹²Mas como poderia eu sozinho suportar o **peso** e a **carga** de vocês, e como poderia eu resolver sozinho todas as **questões** que surgem no meio de vocês? (Dt 1.9-12, NAA).

Antes de tratarmos da estrutura estabelecida por Moisés, é importante observar como ele descreve a situação. Ao afirmar que já não podia conduzir o povo sozinho, o legislador de Israel não tratou o crescimento como um problema. Pelo contrário, reconheceu que aquela multiplicação vinha do Senhor e correspondia à promessa feita a Abraão, quando Deus o levou para fora e mandou que contasse as estrelas, dizendo que assim seria sua descendência (Gn 15.5). Aquela multidão reunida em Horebe era, portanto, uma demonstração do cumprimento da promessa.

Logo depois de declarar que não conseguia carregar sozinho todo o povo, no versículo 11, Moisés pede que Deus o multiplique mil vezes mais aquele povo. Um líder cansado poderia desejar menos pessoas, menos demandas e menos trabalho, mas Moisés abençoa justamente o crescimento do povo de Deus, algo que aumentava ainda mais a sua responsabilidade. As limitações de um obreiro e o seu cansaço não podem limitar obra que Deus está realizando e nem invalidar as promessas que ele deseja cumprir.

A dificuldade enfrentada por Moisés fica clara no v. 12, em que ele reúne três palavras para descrever o peso de sua responsabilidade. **A primeira, traduzida na ARC por “moléstias”**, refere-se ao trabalho desgastante do dia a dia, que consumia tempo e energia. **A segunda, “cargas”**, descreve o peso das responsabilidades, como um fardo colocado sobre os ombros. **A terceira, “diferenças”**, refere-se às contendas e disputas que precisavam ser julgadas. Reunidas, essas três palavras retratam a rotina de um líder que atendia demandas administrativas, carregava o peso das decisões que precisa tomar pelo povo e ainda precisava resolver brigas entre vizinhos, do amanhecer ao anoitecer.

Aplicações:

- Crescimento exige preparação. Quando uma igreja ou ministério cresce, aumentam as pessoas que precisam de acompanhamento, os conflitos que precisam ser resolvidos e as responsabilidades que precisam ser administradas. Por isso, não basta ampliar as atividades; é necessário preparar pessoas e distribuir responsabilidades.
- Reconhecer limites não diminui a liderança. Moisés reconheceu publicamente que não conseguiria carregar tudo sozinho, mostrando que um líder responsável precisa saber quais tarefas dependem diretamente dele e quais podem ser confiadas a outras pessoas.
- A centralização excessiva prejudica o cuidado com as pessoas. Quando todas as decisões, conflitos e necessidades dependem de um único líder, a estrutura administrativa se torna insuficiente, limitada e problemática. Nesse sentido, o livro de Deuteronômio ensina que repartir responsabilidades pode ser necessário para que o povo seja melhor atendido.

1.2 Critérios espirituais para compartilhar a liderança.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A necessidade de cooperadores não justifica escolhas precipitadas. A Escritura adverte quanto à imposição apressada de mãos (1 Tm 5.22) e indica que a liderança deve ser cuidadosamente discernida. Moisés, orientado por Jetro (Êx 18.13-27), selecionou homens com qualidades evidentes: sabedoria, experiência e caráter.*

O texto bíblico diz:

¹³Escolham homens sábios, inteligentes e experimentados, segundo as suas tribos, para que eu os ponha por chefes de vocês.” ¹⁴— Então vocês me responderam que era bom fazer o que eu tinha falado. ¹⁵Assim, peguei os chefes de suas tribos, homens sábios e experimentados, e os fiz chefes sobre vocês, chefes de milhares, chefes de cem, chefes de cinquenta, chefes de dez e oficiais, segundo as suas tribos (Dt 1.13-15, NAA).

²¹Procure entre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens que amam a verdade e odeiam a corrupção. Coloque-os como chefes do povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez, ²²para que julguem este povo em todo tempo. Toda causa grave trarão a você, mas toda causa pequena eles mesmos julgarão; assim será mais fácil para você, e eles o ajudarão a levar essa carga. ²³Se você fizer isto, e se essa for a ordem de Deus, então você poderá suportar e também todo este povo voltará em paz ao seu lugar.

²⁴Moisés atendeu às palavras de seu sogro e fez tudo o que este lhe tinha dito (Êx 18.21-24, NAA).

Depois de mostrar por que não poderia continuar assumindo sozinho todas as questões do povo, Moisés passa a explicar quem poderia receber parte dessas responsabilidades. “Escolham homens sábios, inteligentes e conhecidos entre as suas tribos, e eu os constituirei como chefes de vocês” (Dt 1.13). **A solução não consistia apenas em aumentar o número de líderes. Era necessário escolher homens que demonstrassem condições para exercer a função.**

- Eles deveriam ser sábios e entendidos. O primeiro qualificativo, *hākām*, pertence ao vocabulário hebraico da sabedoria e, nesse contexto, aponta para a capacidade de agir corretamente diante das situações que surgissem. O segundo está ligado a *bîn*, “entender”. Como os dois termos possuem sentidos próximos, sua combinação descreve homens capazes de compreender uma questão, avaliá-la e tomar boas decisões. **A função exigia mais do que disposição para servir, pois eles teriam de lidar com pessoas, conflitos e decisões que afetariam famílias e tribos.**
- Eles deveriam ser conhecidos pelo próprio povo. O terceiro qualificativo deriva de *yāda* ‘, “conhecer”, razão pela qual as traduções variam entre “experientes”, “respeitados” e “conhecidos”. Aqueles homens não seriam desconhecidos das tribos que os apresentariam. Sua trajetória e sua capacidade já haviam sido observadas ao longo do tempo. A função não deveria ser usada para construir uma reputação, mas confiada a pessoas cuja vida já oferecia razões para serem reconhecidas pelo povo.
- O povo indicava os homens, e Moisés os constituía. O procedimento merece atenção porque Moisés não escolheu sozinho todos os nomes. Cada tribo deveria apresentar homens que correspondessem aos critérios estabelecidos, e depois ele os constituiria formalmente sobre o povo (Dt 1.13-15). O versículo 14 registra, inclusive, a concordância de Israel com a proposta. A escolha envolvia, portanto, critérios definidos, participação do povo e confirmação por parte da liderança estabelecida.

Quando colocamos Deuteronômio 1 ao lado de Êxodo 18, o quadro fica mais completo. Jetro havia recomendado homens capazes, tementes a Deus, confiáveis e inimigos de ganho desonesto (Êx 18.21). Uma passagem ressalta o caráter e o temor de Deus, enquanto a outra acrescenta a capacidade necessária para exercer a função.

O Novo Testamento apresenta um princípio semelhante. Quando surgiu o problema envolvendo as viúvas de fala grega, os apóstolos determinaram que os irmãos escolhessem sete homens “**de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria**”. Depois da escolha, eles foram apresentados aos apóstolos, que oraram e lhes impuseram as mãos (At 6.3-6). A estrutura não é a mesma de Deuteronômio, mas há um princípio comum. A necessidade de pessoas para assumir determinada função não elimina os critérios para a escolha, e quem recebe responsabilidades deve demonstrar antes as qualidades exigidas para exercê-las. Paulo mantém esse cuidado ao determinar que os diáconos sejam primeiro provados e somente depois exerçam o ministério (1Tm 3.10).

Aplicações:

- Urgência não elimina critérios. Quando surge uma necessidade, a igreja pode sentir pressão para preencher rapidamente uma função, mas a falta de pessoas não justifica escolhas apressadas.
- Responsabilidade deve ser precedida por uma trajetória conhecida. Os homens foram escolhidos entre pessoas que as próprias tribos conheciam. Na igreja, uma função não deve servir como teste para descobrir se alguém possui caráter e preparo. Essas qualidades precisam ser percebidas antes que a responsabilidade seja confiada.
- Caráter e capacidade não devem ser separados. Êxodo 18 e Deuteronômio 1 apresentam exigências que se completam. Temor de Deus, honestidade e confiança são indispensáveis, mas quem recebe uma responsabilidade precisa possuir capacidade para compreender situações, tomar decisões e exercer bem a função que lhe foi confiada.

1.3 O exercício justo e subordinado da liderança.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Os líderes escolhidos deveriam agir com justiça e imparcialidade, pois representariam o próprio Deus diante do povo. Não poderiam favorecer pessoas, e sim julgar com equidade (Dt 1.16,17). A liderança delegada exige submissão à autoridade estabelecida e mantém unidade de propósito (Am 3.3). Os líderes deveriam recorrer a Moisés em casos difíceis, evitando, assim, decisões independentes. Desse modo, o êxito ministerial depende da fidelidade às orientações recebidas e do temor ao Senhor. A liderança, portanto, sustenta-se na justiça, na unidade e na consciência de que toda autoridade procede de Deus.*

A Bíblia diz:

¹⁶Nesse mesmo tempo, ordenei aos juízes, dizendo: “Deem atenção às questões que surgem entre os seus irmãos e julguem com justiça entre um homem e seu irmão ou o estrangeiro que está com ele. ¹⁷Não sejam parciais no julgamento. Ouçam tanto o pequeno como o grande; não tenham medo de ninguém, porque o julgamento é de Deus. Porém, se a questão for demasiadamente difícil para vocês, tragam para mim, e eu a

ouvirei.”¹⁸ — Assim, naquele tempo, eu lhes ordenei todas as coisas que vocês deveriam fazer (Dt 1.16-18, NAA).

Com os líderes já escolhidos, Moisés volta agora a sua atenção para a maneira como eles deveriam exercer a função que lhes havia sido confiada. Em Deuteronômio 1.16,17, ele estabelece princípios que deveriam conduzir os julgamentos e impedir decisões precipitadas, favoritismo e pressão de pessoas influentes. Aqueles homens receberam autoridade para julgar, mas deveriam exercê-la com justiça e de acordo com a vontade de Deus.

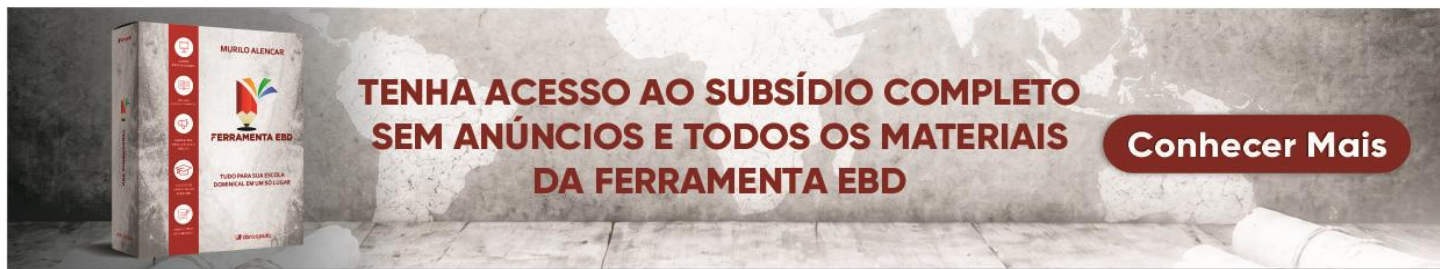
- Eles deveriam ouvir antes de julgar. A primeira ordem era ouvir **“as questões entre os seus irmãos”** (v. 16). O juiz não deveria formar uma conclusão antes de examinar a causa e conhecer os fatos. Provérbios 18.17 apresenta o mesmo princípio ao mostrar que a primeira versão pode parecer correta até que a outra parte seja ouvida. Muitas injustiças acontecem quando uma acusação é tratada como veredito antes que o caso seja devidamente examinado. No exercício da liderança, ouvir faz parte do compromisso com um julgamento justo.
- A justiça alcançava o estrangeiro. Moisés determinou que o julgamento fosse correto tanto entre israelitas quanto nas causas que envolvessem o estrangeiro residente. Por viver em Israel sem os mesmos vínculos familiares e tribais de um israelita, esse homem poderia ficar mais vulnerável diante de uma disputa. Mais adiante, Moisés ensina que o próprio Senhor **“faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro”** (Dt 10.18) e proíbe que seu direito seja pervertido (Dt 24.17). Os juízes, portanto, deveriam exercer uma justiça coerente com o caráter do Deus a quem serviam.
- A posição social não poderia alterar o julgamento. O versículo 17 ordena que os juízes ouçam **“tanto o pequeno como o grande”**. A expressão hebraica relacionada à parcialidade significa literalmente **“reconhecer rostos”**, isto é, decidir com base na identidade, posição ou prestígio das pessoas envolvidas. Levítico 19.15 apresenta os dois extremos que deveriam ser evitados. O pobre não deveria ser favorecido por compaixão, nem o poderoso beneficiado por sua posição. Julgar com justiça exigia avaliar a causa sem permitir que a condição social determinasse o veredito.
- O medo não poderia controlar a decisão. Moisés acrescenta que os juízes não deveriam temer ninguém. A pressão de pessoas importantes, as ameaças ou qualquer tentativa de intimidação não poderiam modificar aquilo que fosse justo. Séculos depois, Josafá daria instrução semelhante aos juízes de Judá ao lembrá-los de que exerciam sua função sob a autoridade do Senhor, em quem não há injustiça nem parcialidade (2Cr 19.5-7).

Todas essas exigências encontram sua razão na declaração de que **“o juízo é de Deus”** (Dt 1.17). Eles prestariam contas a Deus pela maneira como tratavam as pessoas e aplicavam a lei e, por isso, não poderiam permitir que amizade, medo, posição social ou interesses pessoais interferissem no julgamento.

Moisés reconheceu ainda que algumas causas ultrapassariam a capacidade daqueles juízes. Nesses casos, a ordem era clara: **“a causa que for difícil demais para vocês, tragam a mim”** (v. 17). A estrutura hierárquica não exigia que cada líder tivesse resposta para tudo, pois os casos mais complexos poderiam ser encaminhados a Moisés, que ocupava uma posição singular como mediador da aliança. Admitir que determinada questão estava além da própria capacidade não diminuía a autoridade do juiz, mas evitava decisões precipitadas e irresponsáveis.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 1):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



2. A RECUSA DE ENTRAR NA TERRA PROMETIDA

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

2.1 Uma recordação resumida.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Moisés relembra a jornada desde Horebe até Cades-Barneia e destaca os desafios do deserto e o cuidado constante de Deus (Dt 1.19-20). Mesmo diante de um caminho árido, a promessa estava garantida: “Eis que o SENHOR, teu Deus, te deu esta terra diante de ti; sobe e possui-a” (Dt 1.21). Cades-Barneia torna-se símbolo decisivo: lugar de milagres, mas também de incredulidade. Foi ali que o povo esteve às portas da bênção, porém recuou por falta de fé. Essa memória serve de alerta à próxima geração: sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6), e a incredulidade impede o cumprimento das suas promessas.*

A Bíblia diz:

¹⁹— Então partimos de Horebe e caminhamos por todo aquele grande e terrível deserto que vocês viram, pelo caminho da região montanhosa dos amorreus, como o Senhor, nosso Deus, nos havia ordenado; e chegamos a Cades-Barneia. ²⁰Então eu lhes disse: “Vocês chegaram à região montanhosa dos amorreus, que o Senhor, nosso Deus, nos dá. ²¹Eis que o Senhor, seu Deus, colocou esta terra diante de vocês. Vão e tomem posse dessa terra, como o Senhor, o Deus de seus pais, falou. Não tenham medo e não se assustem.” (Dt 1.19-21).

Com o versículo 19, Moisés retoma o relato interrompido no versículo 8. Primeiro, ele recordou a ordem para que Israel deixasse Horebe e seguisse em direção a Canaã (Dt 1.6-8). Depois, abriu um parêntese para explicar a organização da liderança (vv. 9-18). No versículo 19, a narrativa da viagem é retomada com as palavras: **“Então partimos de Horebe”**. Até esse momento, Israel havia obedecido e seguido o caminho determinado pelo Senhor.

- Israel atravessou um “grande e terrível deserto”. A expressão descreve as dificuldades do percurso entre Horebe e Cades-Barneia, realizado por uma região árida e hostil. Mesmo diante dessas condições, Moisés lembra que o povo percorreu aquele caminho “como o Senhor, nosso Deus, nos havia ordenado”. Depois da travessia, Israel chegou a Cades-Barneia, nos limites de Canaã.
- A promessa estava diante deles. No versículo 20, Moisés fala da região que o Senhor “nos está dando” e, logo depois, declara que “o Senhor, seu Deus, pôs esta terra diante de vocês” (v. 21). Canaã havia sido prometida por Deus a Israel, mas o povo ainda precisava entrar e tomar posse dela.

- “Subam e tomem posse.” Os dois imperativos deixam clara a responsabilidade de Israel. O verbo *yāraš*, traduzido por “tomar posse”, pode envolver tanto possuir a terra quanto desapossar seus habitantes. Canaã não estava vazia, e entrar nela exigiria enfrentar os povos que já ocupavam a região. Por isso, a ordem para avançar é acompanhada das palavras **“Não tenham medo nem se assustem.”**

A expressão **“Deus de seus pais”** (v. 21) liga aquele momento às promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó (Gn 12.7; 13.14-17; 26.3,4; 28.13). A geração reunida em Cades não iniciava um novo projeto, mas estava diante do cumprimento de uma promessa que atravessara gerações.

Aplicação:

Deus não poupou Israel do deserto, mas o conduziu através dele. Moisés recorda que o povo atravessou aquele “grande e terrível deserto” conforme o Senhor havia ordenado (Dt 1.19). Durante aquela caminhada, Israel experimentou repetidamente o cuidado, a provisão e a direção de Deus. Ao chegar à fronteira de Canaã e encontrar novos obstáculos, o povo tinha diante de si toda uma história que deveria fortalecer sua confiança: o Deus que o havia sustentado no caminho também era poderoso para cumprir o que havia prometido na terra.

2.2 Fracassando pela linguagem da incredulidade.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Dando continuidade à recordação anterior, Moisés mostra que, mesmo diante da promessa confirmada (Dt 1.21), o povo permitiu que a incredulidade moldasse as suas decisões. Embora os espias reconhecessem que a terra fosse boa (Dt 1.25), as suas palavras foram dominadas pelo medo e pelo desânimo (Dt 1.28). Assim, contrariaram a confiança que deveriam ter em Deus.*

O texto bíblico diz:

²²— Então todos vocês se aproximaram de mim e disseram: “Vamos mandar alguns homens adiante de nós, para que espiem a terra e nos digam por que caminho devemos seguir e a que cidades devemos ir.” ²³Isto me pareceu uma boa ideia, de maneira que escolhi, do meio de vocês, doze homens, um de cada tribo. ²⁴Eles saíram e foram à região montanhosa, e, espiando a terra, foram até o vale de Escol. ²⁵Tomaram do fruto da terra nas mãos e o trouxeram até nós. E nos informaram, dizendo: “É boa esta terra que o Senhor, nosso Deus, nos dá.” (Dt 1.22-25, NAA).

Antes de avançar para Canaã, o próprio povo propôs que alguns homens fossem enviados para examinar a terra e informar “o caminho pelo qual devemos subir e as cidades a que devemos chegar” (Dt 1.22). A proposta tinha uma finalidade compreensível, pois permitiria conhecer melhor a região antes da entrada de Israel. Moisés aprovou a ideia e escolheu doze homens, um de cada tribo (vv. 23,24).

- A missão dos espias deveria preparar Israel para entrar na terra. O pedido do povo era específico. Eles queriam conhecer “o caminho pelo qual devemos subir” e “as cidades a que devemos chegar” (v. 22). Aqueles homens não foram enviados para decidir se Israel deveria entrar em Canaã, pois Deus já havia dado essa ordem. A missão consistia em conhecer melhor o território pelo qual o povo avançaria.
- A exploração confirmou aquilo que Deus havia dito sobre a terra. Os espias chegaram ao vale de Escol, examinaram a região e voltaram trazendo seus frutos. O próprio relatório reconhecia que “é boa a terra que o Senhor, nosso Deus, nos dá” (v. 25). Números acrescenta que trouxeram uvas, romãs e figos e

descreveram Canaã como terra que manava leite e mel (Nm 13.23,27). Depois de atravessar o “grande e terrível deserto”, Israel tinha diante dos olhos uma confirmação daquilo que Deus havia prometido.

- As dificuldades encontradas na terra, levaram o povo a desanimar. Os habitantes eram fortes, as cidades eram fortificadas e havia descendentes de Anaque naquela região. Essas informações eram verdadeiras, mas Israel passou a confiar mais no que via diante de si do que na promessa e na ordem do Senhor. Por isso, Moisés recorda que seus irmãos fizeram o coração do povo “derreter” (v. 28).

Aplicação:

- Precisamos considerar o efeito das palavras sobre quem nos ouve. Os espias trouxeram informações verdadeiras sobre a terra de Canaã, mas a maneira como parte deles falou das dificuldades fez o coração do povo “derreter”. O medo de alguns acabou se espalhando entre os demais e influenciou toda a congregação. Nossas palavras também exercem influência sobre outras pessoas. Podemos ajudá-las a olhar para uma situação à luz da fidelidade de Deus e de sua Palavra, mas também podemos alimentar temores e fortalecer pensamentos que as afastem do Senhor. Por isso, precisamos ter cuidado para que aquilo que falamos não enfraqueça nos outros a confiança que deveriam depositar no Senhor.

2.3 Pecados marcantes na vida de Israel.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Dando sequência ao quadro anterior, a incredulidade expressa pelos espias resultou em pecados concretos no povo. Israel recusou subir, rebelou-se contra a ordem divina e passou a murmurar nas suas tendas (Dt 1.26,27). A desobediência e a falta de fé distorceram a percepção que o povo tinha de Deus, o que o levou a duvidar do seu amor e cuidado. Mesmo diante das promessas e do agir poderoso do Senhor, Israel preferiu retroceder. Moisés, porém, reafirma o cuidado divino e compara-o ao de um pai que cuida e guia o seu filho (Dt 1.31).*

A Bíblia diz:

²⁶— Porém vocês não quiseram ir, mas foram rebeldes à ordem do Senhor, seu Deus. ²⁷Ficaram murmurando **em suas tendas e disseram:** “O Senhor está com ódio de nós e por isso nos tirou da terra do Egito para nos entregar nas mãos dos amorreus e nos destruir. ²⁸Para onde iremos? Nossos irmãos nos deixaram com medo, dizendo: ‘Aquele povo é maior e mais alto do que nós. As cidades são grandes e fortificadas até o céu. Também vimos ali os filhos dos anaquins.’” ²⁹— Então eu lhes disse: “Não fiquem apavorados, nem tenham medo deles. ³⁰O Senhor, o seu Deus, que vai adiante de vocês, ele lutará por vocês, segundo tudo o que viram que ele fez conosco no Egito, ³¹e também no deserto, onde vocês viram que o Senhor, seu Deus, os levou, como um homem leva o seu filho, por todo o caminho pelo qual vocês andaram, até chegar a este lugar.” ³²— Mas nem assim vocês creram no Senhor, seu Deus, ³³que foi adiante de vocês por todo o caminho, para procurar o lugar onde deveriam acampar; de noite, estava no fogo, para mostrar o caminho por onde vocês deveriam andar, e, de dia, estava na nuvem (Dt 1.26-32).

Até aqui, Moisés havia mostrado que a terra era boa e que as dificuldades da conquista eram conhecidas. No versículo 26, ele identifica com clareza o pecado de Israel. O povo não quis subir. O medo deixou de ser apenas uma reação diante dos cananeus e passou a servir de motivo para rejeitar aquilo que Deus havia ordenado.

- “Vocês não quiseram subir.” Moisés chama essa decisão de rebelião. O verbo hebraico *mārâ* aparece acompanhado de uma expressão que, literalmente, fala em rebelar-se contra a “boca do Senhor”. Deus havia ordenado que Israel subisse e tomasse posse da terra, mas o povo ouviu sua Palavra e decidiu não

obedecer. Israel se rebelou quando preferiu seguir sua própria decisão em vez de cumprir aquilo que o Senhor havia ordenado.

- “O Senhor nos odeia.” A murmuração nas tendas mostra até onde a incredulidade havia levado o povo. Israel passou a interpretar o Êxodo como prova de que Deus pretendia destruí-lo. **A libertação do Egito, que testemunhava o cuidado do Senhor, foi transformada em evidência de sua hostilidade. A acusação se torna ainda mais grave porque, no vocabulário da aliança, “odiar” podia carregar a ideia de rejeição.** Em outras palavras, o povo afirmava que Deus os havia tirado do Egito para entregá-los nas mãos dos amorreus. A incredulidade distorceu profundamente a maneira como Israel passou a interpretar seus atos.
- Moisés recorda fatos que o povo conhecia. O Senhor havia lutado por eles no Egito, caminhado diante deles e os carregado pelo deserto “como um homem carrega o seu filho” (vv. 30,31). A imagem ganha ainda mais nitidez diante da acusação do versículo 27. Israel dizia que Deus pretendia destruí-lo, enquanto Moisés lembrava que aquele mesmo Deus os havia conduzido como um pai cuida do filho. O problema não estava na falta de cuidado da parte de Deus, mas na incredulidade do povo.

Moisés apresenta um diagnóstico preciso da condição espiritual do povo quando disse: **“Mas nem assim vocês confiaram no Senhor, seu Deus.”** Eles possuíam a promessa, conheciam os feitos do Êxodo e haviam experimentado a presença de Deus durante toda a caminhada. Mesmo assim, recusaram-se a confiar naquele que os havia conduzido até Cades-Barneia.

Aplicação:

Há diferença entre levar nossa dor a Deus e murmurar contra ele. A Bíblia registra servos fiéis que choraram, fizeram perguntas e apresentaram suas angústias ao Senhor. Em Cades-Barneia, porém, Israel transformou o medo em acusação contra Deus e usou essa acusação para justificar sua desobediência. Podemos apresentar ao Senhor nossas dúvidas e temores, mas não devemos permitir que a dor nos leve a atribuir a Deus intenções contrárias ao que sua Palavra e sua fidelidade já demonstraram.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 2):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



3. A SENTENÇA DIVINA PELA DESOBEDIÊNCIA

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

3.1 A gravidade da rebeldia e o valor da fidelidade.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *É severa a expressão divina ao chamar Israel de “geração maligna” (Dt 1.35), mas ela é resultado do desprezo às bênçãos e aos cuidados do Senhor. A rebeldia, evidenciada desde o episódio do bezerro de ouro (Êx 32), revela um coração resistente à Palavra. Por causa disso, aquela geração não entrou na Terra Prometida. Deus, contudo, preserva dois remanescentes fiéis: Calebe e Josué, que não cederam à incredulidade (Nm 14.30).*

A Bíblia diz:

³⁴— O Senhor ouviu o que vocês disseram, ficou irado e **jurou**, dizendo: ³⁵“Nenhum dos homens desta geração perversa verá a boa terra que jurei dar aos pais de vocês, ³⁶**com a exceção de Calebe**, filho de Jefoné. Ele verá essa terra e darei a ele e aos filhos dele a terra em que ele pisou, **porque perseverou em seguir o Senhor.**” (Dt 1.34-36, NAA).

As palavras murmuradas nas tendas chegaram aos ouvidos do Senhor. Nos versículos 34 e 35, Moisés recorda dois juramentos que precisam ser considerados em conjunto. Deus havia jurado dar Canaã aos patriarcas e agora jurava que aquela geração rebelde não entraria na terra. O segundo juramento não anulava o primeiro, pois a promessa seria cumprida por meio da geração seguinte. A terra permaneceria como herança de Israel, mas os homens que se recusaram a obedecer em Cades perderiam o privilégio de participar da conquista.

- A sentença correspondia à gravidade da rebelião. Ao chamar aqueles homens de “geração maligna” e declarar que não veriam a boa terra prometida aos seus pais, o Senhor mostra que não estava tratando apenas de um momento de medo diante dos cananeus. O povo conhecia sua ordem e decidiu desobedece-la. A sentença, portanto, correspondia à seriedade de uma rebelião consciente contra aquilo que Deus havia determinado.
- Calebe, porém, foi excluído daquela sentença porque “seguiu plenamente o Senhor”. O próprio texto apresenta a sua fidelidade como razão para uma exceção no juízo divino. A expressão empregada no versículo 36 ressalta a inteireza de sua disposição em seguir o Senhor. Calebe não recebeu informações diferentes das dos demais espias. Ele viu os mesmos povos, as mesmas cidades fortificadas e os mesmos gigantes, mas reagiu com fé diante do que viu, confiando que o Senhor era poderoso para cumprir sua Palavra.

A história posterior torna a fé desse personagem ainda mais significativa, pois a região prometida a Calebe incluía Hebrom, justamente uma área ocupada pelos anaquins que haviam provocado tanto medo em Israel. Anos depois, já idoso, ele pediu aquela região e participou de sua conquista (Js 14.10-15; 15.13,14). Aquilo que serviu de motivo para outros recuarem tornou-se parte da herança daquele que permaneceu fiel.

Os versículos 37 e 38 introduzem Moisés e Josué nesse quadro. Moisés recorda que não entraria em Canaã, mas sua exclusão não deve ser atribuída diretamente ao episódio dos espias. O texto de Números 20.10-12 relaciona sua sentença ao acontecimento de Meribá, quando desobedeceu ao Senhor. A expressão “por causa de vocês” relaciona a exclusão de Moisés ao contexto de sua liderança sobre aquele povo, mas não transfere para Israel a responsabilidade pelo pecado cometido em Meribá.

Josué, por sua vez, entraria na terra e conduziria a nova geração durante a conquista da terra. Ele é apresentado como aquele que “está diante” de Moisés, expressão ligada ao serviço que prestava como seu auxiliar.

Depois de anos servindo ao lado de Moisés, Josué deveria ser fortalecido para assumir a responsabilidade de conduzir Israel na posse da terra (Dt 1.38).

Aplicações:

- Não podemos obedecer ao Senhor apenas quando isso pouco nos custa. É possível demonstrar fidelidade em muitas áreas e, ao mesmo tempo, manter sob nosso próprio controle decisões, relacionamentos ou interesses que não queremos submeter à vontade de Deus. Seguir plenamente ao Senhor significa colocar toda a vida debaixo daquilo que ele determina, inclusive quando obedecer exige renúncia ou nos coloca diante de consequências que preferiríamos evitar.
- A pressão de outras pessoas não elimina nossa responsabilidade diante de Deus. Moisés enfrentou durante anos a rebeldia de Israel, mas respondeu por sua própria atitude em Meribá. As circunstâncias podem tornar uma decisão mais difícil, mas não transferem para os outros a responsabilidade pelo modo como escolhemos agir diante do Senhor.

3.2 A formação da nova geração pela fidelidade.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Em continuidade ao contraste entre rebeldia e fidelidade, o Senhor revela que os filhos herdariam a promessa que os seus pais desprezaram (Dt 1.39). Aqueles considerados frágeis foram preservados da sentença, o que evidencia a graça divina. Isso, contudo, não isenta a responsabilidade dos pais: cabe-lhes formar os filhos na fé e na obediência (Dt 6.6,7). A geração anterior fracassou por causa do seu mau exemplo, porém Deus reafirma seu cuidado e propósito redentor.*

A Bíblia diz:

³⁹E as crianças de vocês, de quem vocês disseram que seriam presa do inimigo, sim, os filhos de vocês, que hoje nem sabem distinguir entre bem e mal, esses ali entrarão, e a eles darei a terra, e eles a possuirão. ⁴⁰Mas vocês voltem e sigam para o deserto, pelo caminho do mar Vermelho.” (Dt 1.39-40, NAA).

Há uma ironia marcante na sentença pronunciada pelo Senhor. Quando se recusaram a entrar em Canaã, os israelitas alegaram que seus filhos seriam levados como presa pelos inimigos (Nm 14.3). Deus, porém, declara que aconteceria o contrário. Os filhos entrariam na terra, enquanto seus pais retornariam para o deserto.

- Os filhos não participariam da sentença dos pais. Moisés os descreve como aqueles que ainda “não sabem distinguir entre o bem e o mal”. No contexto, a expressão indica que eles não tinham responsabilidade pela decisão tomada em Cades-Barneia. Como não participaram daquela rebelião, não seriam incluídos na sentença pronunciada contra seus pais. A geração que os israelitas temiam perder seria justamente aquela que receberia Canaã.
- Os adultos deveriam retornar ao deserto. A ordem do versículo 40 marca uma mudança dolorosa de direção. Pouco antes, Israel estava nos limites de Canaã e havia recebido a ordem para subir e tomar posse da terra. Agora, aquela geração deveria voltar para o deserto. A oportunidade de entrar em Canaã havia sido perdida, e os anos seguintes seriam marcados pelas consequências da decisão tomada em Cades-Barneia.

Aplicação

Não devemos permitir que o medo pelo futuro dos nossos filhos se torne justificativa para decisões contrárias ao que Deus determinou. Os pais israelitas imaginaram que estavam protegendo seus filhos quando recusaram entrar na terra, mas avaliaram o futuro deles sem confiar no cuidado do Senhor.

3.3 As consequências da desobediência persistente.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Dando sequência à sentença divina, Israel passa a experimentar na prática os efeitos da sua rebeldia. Os que rejeitaram a promessa agora tentam agir por conta própria, fora do tempo e da direção de Deus (Dt 1.41,42). O resultado não poderia ser outro: derrota e frustração (Dt 1.44). O choro que se segue não nasce de arrependimento sincero, mas de remorso, não sendo, portanto, ouvido pelo Senhor. A desobediência prolonga o deserto e gera estagnação espiritual. Mais uma lição clara: não devemos agir fora da vontade de Deus, pois isso gera fracasso. Arrependimento tardio sem mudança real não conduz à bênção; o essencial é viver em obediência contínua (Is 1.19; 2 Co 7.10).*

A resposta de Israel parece, num primeiro momento, indicar uma mudança de atitude, pois o povo declarou: “Pecamos contra o Senhor.” Eles reconheceram o erro e decidiram fazer aquilo que antes haviam recusado. Contudo, a ordem de Deus já era outra. O Senhor havia determinado que aquela geração voltasse para o deserto e proibiu qualquer tentativa de entrar em Canaã naquele momento.

- Confessar o pecado não significou submeter-se à correção de Deus. Israel tentou reparar o erro anterior fazendo agora aquilo que deveria ter feito antes. O problema é que obedecer não consiste em cumprir hoje uma ordem que Deus deu ontem, mas em responder ao que ele determina. Antes, o Senhor havia dito “subam”, e eles se recusaram; agora dizia “não subam”, e eles decidiram avançar.
- A tentativa de conquista foi um ato de presunção. Moisés havia advertido que o Senhor não estaria com eles naquela batalha. Mesmo assim, o povo tomou as armas e avançou. O verbo empregado no versículo 43 transmite a ideia de agir com arrogância, ultrapassando os limites estabelecidos por Deus. o livro de Números acrescenta que nem Moisés nem a arca da aliança acompanharam os israelitas (Nm 14.44). Eles pretendiam conquistar a terra sem a presença daquele de quem dependia a vitória.
- A derrota mostrou que Israel não poderia contornar a sentença divina. Os amorreus os perseguiram “como fazem as abelhas” e os derrotaram até Hormá. Depois disso, o povo voltou chorando diante do Senhor, mas o texto não apresenta essas lágrimas como evidência suficiente de arrependimento. Mesmo após reconhecer o pecado anterior, Israel havia desobedecido novamente. O choro veio depois da derrota, enquanto a submissão exigida pelo Senhor ainda não havia acontecido.

O versículo 46 encerra o episódio de maneira discreta, mas significativa: “Assim vocês ficaram muitos dias em Cades.” A geração que havia chegado aos limites de Canaã pronta para entrar na terra permaneceria naquela região antes de retornar para o deserto. A conquista agora ficaria para a geração seguinte.

Aplicações

- Arrependimento não se limita a reconhecer que erramos. Podemos admitir o pecado, lamentar suas consequências e ainda insistir em resolver a situação conforme nossa própria vontade. O verdadeiro arrependimento inclui aceitar a correção de Deus e submeter nossa conduta ao que ele determina.
- Nem toda iniciativa realizada em nome de Deus corresponde ao que ele deseja. Israel tomou as armas dizendo que faria aquilo que o Senhor havia ordenado anteriormente, mas naquele momento a ordem era não subir. O serviço prestado a Deus precisa permanecer submetido ao que ele determina em sua Palavra.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 3):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



CONCLUSÃO

Nesta lição aprendemos que a lembrança dos acontecimentos de Cades-Barneia deveria preparar a nova geração para não repetir os erros de seus pais. Israel chegou até os limites da terra, mas recuou diante da ordem do Senhor e sofreu as consequências de sua desobediência. Ao mesmo tempo, a fidelidade de Calebe e Josué mostra que é possível permanecer obediente mesmo quando a maioria escolhe outro caminho.

ABRA JAULA

REFERÊNCIAS

MERRILL, Eugene H.; ROOKER, Mark F.; GRISANTI, Michael A. **Introdução ao Antigo Testamento: o mundo e a palavra**. Tradução: A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2025.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** Tradução: Danilo Mendes. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2026.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. Tradução: Noemi Valéria Altoé da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2018.

MERRILL, Eugene H. **Deuteronômio: comentário exegético**. Tradução: Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2025.

CARPENTER, Eugene E. Deuteronomy. In: WALTON, John H. (Ed.). **Zondervan illustrated Bible backgrounds commentary**. Grand Rapids: Zondervan, 2009. v. 1. E-book.

FERNANDO, Ajith. **Deuteronomy: loving obedience to a loving God**. Wheaton: Crossway, 2012. (Preaching the Word).